Ela me chamava a atenção para essas questões", relata Nelson. As outras duas irmãs haviam começado o processo de alisamento dos cabelos quando, um dia, Elaine surge em casa ostentando um black poderoso. "Foi um misto de surpresa e de estranhamento, mas foi uma coisa muito legal. Imagino que ela soubesse como ela nos provocou positivamente", relembra.

Antes de voltar para Brasília, ele também começou a frequentar bailes de soul music, repletos de outros negros usando o cabelo black. "Look que está sendo retomado hoje, mas naquela época eu acredito que tenha um aspecto muito particular, porque era ditadura. Estou falando de 1978/79. O regime autoritário estava ali. Já estava mostrando sinais de esgotamento, mas existia. E defender uma identidade negra naquele contexto era também subversão", observa.

"Você afirmar que a sociedade é racista e que você precisa enfrentar o racismo e saber quem você é, que você precisa ter orgulho da sua história, dos seus antepassados, tudo isso, para um regime autoritário, que acreditava no mito da democracia racial, era uma ousadia, uma afronta", continua o professor, que ainda hoje lembra com clareza de detalhes até das imagens projetadas nas paredes durantes os bailes.

"Eu não tinha consciência disso, mas eu sabia que era muito bonito entrar num baile, ver centenas de pessoas negras, todas com o cabelo crespo, e a gente ouvindo soul, ouvindo música. Tinha umas projeções de filme na parede mostrando a questão da luta contra o racismo, imagens dos Panteras Negras, tudo isso me chamou muito a atenção."

Nelson também cita o cunhado Paulo como uma das referências que o levou a ter contato com textos importantes para compreender a questão racial. "E, diga-se de passagem, a constituição do Centro de Estudos Afrobrasileiros é resultado de reuniões que aconteciam em domicílios, sempre com receio, porque a gente estava vivendo uma ditadura. A casa da Suzana, minha irmã, e do Paulo, era uma daquelas onde havia essas reuniões."

Tudo isso para mostrar que a entrada na UnB ocorreu em um momento em que a questão racial já era central na vida de Nelson. Em seguida, veio o que ele chama de uma "crise com o curso" e a mudança para a graduação em comunicação, finalizada em 1985. "Eu comecei nas artes visuais, no Departamento de Desenho, fazendo licenciatura em educação artística, e termino em 1985 com a graduação em comunicação com habilitação em publicidade. Lamentavelmente, tive meu diploma assinado por um reitor imposto, José Carlos Azevedo, que ficou 14 anos aqui."

Mariana Niederauer/CB/D.A. Press



Nelson Inocêncio ao lado do filho Kiluanji, 24 anos. Abaixo, capas do Correio contam momentos emblemáticos da universidade que o professor testemunhou



A importância da ancestralidade na vida do professor se mostra também na família. O filho mais velho foi batizado com nome de origem nigeriana, Omowalê, 35 anos. Já o caçula, Kiluanji, 24, nome de origem angolana, cursa ciências contábeis também na UnB.

A consciência negra em cartaz

A volta para a UnB veio rápido. Em 1989, Nelson iniciou o mestrado na Faculdade de Comunicação. Sob orientação do professor Fernando Bastos e, depois, de Clara Andrade Alvim, escreveu a dissertação *A consciência negra em cartaz*, uma pesquisa sobre a produção de cartazes pelo ativismo negro, como um contraponto às imagens estereotipadas em circulação na mídia. "A ideia era mostrar que existia também a possibilidade de construir referenciais imagéticos positivos", explica. "O Brasil sempre foi um país que produziu racismo. Acho que a sociedade custou a entender isso. Essa dissertação foi defendida em 1993, e a minha história foi sempre assim, o campo acadêmico e o ativismo."

Nessa época, ele já estava filiado, por exemplo, ao Movimento Negro Unificado. "Era uma visão mais radical. Mas quando eu falo radical eu não falo no sentido pejorativo, eu falo radical no sentido de coisa radical, porque estava indo à raiz das questões. As pessoas muitas vezes confundem fundamentalismo com radicalidade. O fundamentalismo é uma coisa péssima", observa.

Durante o mestrado, passou no concurso para técnico administrativo e entrou pela primeira vez na universidade como funcionário. A carreira docente levou mais um tempo para ser iniciada. Em 1994, deu aulas no UniCeub, e só no ano seguinte foi chamado para ocupar a vaga no IDA. Em 2022, completa 30 anos a serviço da UnB. Foi no mesmo departamento que participou do então inédito Programa de Pós-Graduação e apresentou tese de doutorado sobre o Museu Afro Brasil, fundado por Emanoel Araújo, morto no último 7 de setembro e de quem era amigo.

Provocações ao longo do caminho

A carreira docente é o que guiou o caminho de Nelson Inocêncio na vida profissional, mas a produção artística também teve espaço, e muitas vezes em situações provocadas por acontecimentos marcantes dentro do câmpus. "Eu tenho uma produção na arte visual que é sazonal. Eu já expus e já fui curador também", detalha o professor.

Gravuras e logomarcas que carregam a luta contra o preconceito e por mais representatividade e visibilidade para a questão racial também fizeram parte da obra de Nelson. E as provocações não pararam ao longo dos anos. Num certo dia, ainda na década de 1980, os muros do IDA amanheceram pichados com frases como "Morte aos negros" e "Viva o apartheid". Apesar de não estar na UnB à época, ele lembra com riqueza de detalhes da repercussão e da tentativa de alguns professores de conscientizar a comunidade acadêmica sobre a urgência da discussão da questão racial. "A gente não esperava que isso fosse acontecer dentro da universidade. Quando Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro pensam a UnB, eles estão pensando uma universidade inovadora, à frente do seu tempo."

Mais tarde, outra situação de racismo chocou a UnB e ele, agora docente, ajudou na conscientização por meio da arte, com curadoria para exposição na Galeria Espaço Piloto, em 2007, após o caso emblemático de estudantes africanos que tiveram o apartamento na Casa do Estudante (CEU) incendiado de maneira criminosa. Atendendo ao convite do também professor Miguel Simão, à frente da gestão do espaço, aceitou fazer a curadoria da exposição *Artivismo negro*. "Eu fiquei responsável pela curadoria de uma mostra de artistas — mulheres e homens — negros que traziam para a galeria as suas poéticas, sempre com alguma abordagem sobre a questão racial."

» **Leia mais na página 4**